

# Do messianismo à missão (?) Haroldo de Campos, leitor de Walter Benjamin

Gabriel Borowski  
Universidade Jaguelônica em Cracóvia

No pequeno ensaio intitulado “Babel & Desbabel”, que serve de introdução ao segundo quadro do tríptico bíblico *Éden*, publicado (postumamente) em 2004, Haroldo de Campos afirma:

De um ponto de vista semiótico, é possível considerar a “operação tradutória”, em especial aquela modalidade do traduzir que designo por “transcrição” – e que se aplica a obras de arte verbal – como uma forma de “desbabelizar Babel”.

Assim procedendo, confere-se um conteúdo teórico-prático de natureza laica ao teologema benjaminiano da “língua pura” [...], que, segundo penso, corresponde à noção bíblica da “língua-lábio una” [...], língua edênica original ou linguagem ideal da humanidade redimida no “fim messiânico da história”.<sup>1</sup>

O que sobressai desse trecho do último livro de Haroldo, é, sem dúvida, uma conjugação muito peculiar, mas harmoniosa, de conceitos teológicos e filológicos que, juntos, estabelecem um fundamento filosófico para a prática transcriadora do autor de *Galáxias*. Realça-se

---

<sup>1</sup> Haroldo de Campos, “Babel & Desbabel”, in Haroldo de Campos, *Éden: um tríptico bíblico*, São Paulo, Perspectiva, 2004, pp. 71-72. O texto foi publicado anteriormente em Regina Fabbrini, Sérgio Lopes Oliveira (orgs.), *Interpretação (Série Linguagem 3)*, São Paulo, Lovise, 1998, pp. 19-35.

também a importância do pensamento messiânico, na sua modalidade apocalíptica, do filósofo judeu-alemão Walter Benjamin (1892-1940) na complexa operação teórica empreendida pelo filólogo brasileiro, que consiste basicamente na secularização da reflexão teológica benjaminiana, representada, de uma certa forma, pela transição do *messianismo tradutório* (isto é, relativo à tradução em geral) à *missão tradutológica* (ou seja, referente à elaboração teórica realizada no campo dos Estudos da Tradução).

O presente trabalho, necessariamente sucinto, é composto por três partes. Primeiro, considera-se necessária pelo menos uma breve observação cronológica a respeito da recepção dos conceitos de Walter Benjamin nos ensaios de Haroldo de Campos. Na segunda parte apresentam-se, de um modo extremamente sintético, os conceitos-chave do ensaio benjaminiano *A tarefa do tradutor*, de 1921 (publicado em 1923), lido à luz de um importantíssimo texto anterior, *Sobre a língua em geral e a língua dos homens*, de 1916. Na terceira fase propõe-se uma discussão sobre a forma que o teorema de Benjamin – principalmente o conceito da “língua pura” (*die reine Sprache*) – assume nos textos haroldianos, sobretudo a partir de meados dos anos noventa. O ponto de chegada constituirá uma reflexão sobre os projetos filosóficos dos dois pensadores enquanto percursos dinâmicos, em que a complexa interdependência dos conceitos da missão e messianismo se revela intrínseca.

## Prólogo: um fundamento reinventado

A influência do pensamento de Walter Benjamin na reflexão tradutória do filólogo brasileiro evidencia-se em meados da década de sessenta, quando Campos começa a se mover do conceito mais limitado do concretismo em sentido restrito para um problema mais amplo da concretude, isto é, da materialidade do signo linguístico<sup>2</sup>. Mais precisamente, parece justificável datar a introdução *explícita* (ainda que não se exclua a hipótese de uma possível influência anterior, tácita, que faltaria comprovar), do “substrato benjaminiano” no complexo discurso

<sup>2</sup> Cf. Haroldo de Campos, “The Brazilian Jaguar”, *boundary 2*, vol. 26, n.º 1, 1999, p. 85.

teórico-prático elaborado por Campos na primeira metade da década, entre 1962 e 1967. Na sua famosa tese para o III Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária de 1962, intitulada “Da tradução como criação e como crítica”<sup>3</sup>, Haroldo faz uma revisão de vários posicionamentos semiológicos – tanto contemporâneos, quanto mais antigos – que dizem respeito sobretudo à questão da tradução da materialidade do signo linguístico, isto é, das estruturas significantes, em vez da tradução exclusiva do significado que constitui apenas uma das dimensões semânticas. Em nenhum lugar, porém, ele se refere aos textos do filósofo alemão, que poderiam constituir um importante contexto nesse tipo de abordagem teórica; aliás, o nome de Benjamin não aparece em nenhum dos nove ensaios componentes do livro *Metalinguagem*, que reúne textos escritos sobretudo nos anos 1962-63.

Em 1967 a situação muda completamente com a publicação, em maio, de dois artigos no *Correio da Manhã*: “A gargalhada de Schiller” (reproduzido no mesmo ano no Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*) e “Píndaro, 1967: primeira ode pítica”<sup>4</sup>. Ambos os textos fazem referência às traduções de Friedrich Hölderlin e aos comentários muito favoráveis de Benjamin, que no ensaio *A tarefa do tradutor* os considera “arquétipos da sua forma”<sup>5</sup>. Pode-se supor, portanto, que Haroldo de Campos, tendo descoberto entre 1962 e 1967 o potencial heurístico da reflexão benjaminiana, tenha resolvido introduzir este importante dis-

<sup>3</sup> Haroldo de Campos, “Da tradução como criação e como crítica” in Haroldo de Campos, *Metalinguagem & outras metas*, São Paulo, Perspectiva, 2006, pp. 31-48.

<sup>4</sup> Ambos os textos publicados depois em: Haroldo de Campos, *A arte no horizonte do provável e outros ensaios*, São Paulo, Perspectiva, 1969, como “A palavra vermelha de Hölderlin” (pp. 93-107) e “Píndaro, hoje” (pp. 109-119), respectivamente.

<sup>5</sup> Walter Benjamin, “A tarefa do tradutor” (trad. de João Barrento), in Lucia Castello Branco (org.), *A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português*, Belo Horizonte, Fale/UFMG, 2008, p. 97. Dado que se conhecem pelo menos quatro traduções completas deste ensaio de Benjamin para a língua portuguesa, constituindo versões diversas em vários aspectos, neste trabalho utiliza-se a versão portuguesa de João Barrento, escolhida por afigurar-se mais adequada aos sentidos, por vezes implícitos ou subentendidos, do original, lido à luz da tradução polonesa preparada pelo pesquisador Adam Lipszyc (“Zadanie tłumacza” in Walter Benjamin, *Konstelacje: wybór tekstów*, Cracóvia, Wydawnictwo Uniwersytetu Jagiellońskiego, 2012, pp. 23-36), autor da monografia *Sprawiedliwość na końcu języka: czytanie Waltera Benjamina* (Cracóvia, Universitas, 2012).

curso teórico com os textos críticos dedicados ao tradutor alemão tão elogiado por Benjamin. Note-se, porém, que nestes pequenos ensaios o brasileiro parece ainda sondar o teorema do estrangeiro, aplicando-o um pouco timidamente, ainda que num tom muito assertivo – característico, diga-se de passagem, tanto dos textos de Campos, quanto de Benjamin. A reflexão de Walter Benjamin parece tomada, portanto, um pouco *a posteriori* em relação às reflexões tradutológicas de Haroldo, confirmando-as e entrando com elas num diálogo muito complexo e por vezes ambíguo.

Com efeito, os anos setenta na biobibliografia de Campos afiguram-se um tempo de uma profunda reflexão sobre o legado do filósofo judeu-alemão, já que a partir do início dos anos oitenta o pensamento de Benjamin vai ganhando cada vez mais relevo nos textos teóricos do pensador brasileiro. O posfácio a *Deus e o diabo no Fausto de Goethe* (1981), intitulado “Transluciferação mefistofáustica”, constitui um marco importante neste percurso, dado que, ao invés de uma mera referência, toma o pensamento de Benjamin como seu ponto de partida, desenvolvendo daí uma visão da “tradução luciferina”<sup>6</sup>, que se recusa à tirania do *Logos*. A reflexão tradutória do alemão coloca-se no centro do ensaio publicado três anos mais tarde; em “Para além do princípio da saudade: a teoria benjaminiana da tradução” (1984)<sup>7</sup> Campos começa a buscar uma saída laica do teologema, fugindo ao horizonte metafísico onipresente nos escritos do autor de *A rua da mão única*. Desse modo, o pensamento de Benjamin vai se cristalizando, ainda que sujeito a uma série de deslocamentos desconstrutivos, como um dos alicerces filosóficos da teoria haroldiana de transcrição. Já em meados da década de noventa, comprovam-no dois importantes ensaios publicados na *Revista USP*, dedicados já especificamente ao legado teórico de Benjamin, que evidenciam uma percepção aguda (ainda que relativamente seletiva) das ideias do filósofo<sup>8</sup>.

---

<sup>6</sup> Haroldo de Campos, *Deus e o diabo no Fausto de Goethe*, São Paulo, Perspectiva, 1981, p. 180.

<sup>7</sup> Haroldo de Campos, “Para além do princípio da saudade: a teoria benjaminiana da tradução”, *Folha de S. Paulo*, 9 de dezembro de 1984, pp. 6-8.

<sup>8</sup> Cf. Haroldo de Campos, “O que é mais importante: a escrita ou o escrito? Teoria da linguagem em Walter Benjamin”, *Revista USP*, n.º 15, 1992, pp. 78-84; Haroldo

## Messianismo (Walter Benjamin)

A reflexão de Benjamin assenta na ideia – expressa sobretudo no ensaio de 1916 sobre a língua em geral e a língua dos homens – de que a dimensão comunicativa da linguagem é uma das marcas da Queda. Antes da expulsão do Paraíso, o homem – o único ser nunca nomeado por Deus, sendo chamado à existência a partir da terra, e não do verbo criador – utilizava a língua para conhecer as coisas: com a mesma língua em que Deus criava o mundo, o homem o nomeava, isto é, traduzia a língua muda das coisas para a língua sonora dos homens e, desse modo, comunicava as coisas a Deus. A Queda se dá no momento em que o homem, vivendo num mundo reconhecido por Deus como bom, tenta distinguir o bem do mal, ou seja, abandona a pureza dos nomes para saber algo exterior às coisas, descrevendo-as e caindo, assim, na falácia. Depois da expulsão do Paraíso, reafirmada ainda pela destruição da Torre de Babel que completa o projeto divino, o homem é obrigado a viver numa multiplicidade de línguas utilizadas instrumentalmente, comunicando outras coisas para além de si mesmas. Assim sendo, os verdadeiros nomes, capazes de dar conta da singularidade das coisas, perdem-se na diversidade de línguas “contaminadas”, por assim dizer, com a presença de signos.

Nesse estado pós-Queda, a tradução visa exprimir a relação mais íntima entre as línguas. Esta, como diz Benjamin, consiste em “as línguas não serem estranhas umas às outras, mas sim, *a priori* e sem pensar agora em todas as relações históricas, aparentadas umas com as outras naquilo que querem dizer”<sup>9</sup>. Este parentesco não devia ser percebido como semelhança estrutural ou a mesma origem histórica. O filósofo explica que

O parentesco supra-histórico entre línguas reside no fato de, em cada uma delas como um todo, se querer dizer uma e a mesma coisa, qualquer coisa que, no entanto, não é acessível a nenhuma

---

de Campos, “A língua pura na teoria da tradução de Walter Benjamin”, *Revista USP*, n.º 33, 1997, pp. 160-171.

<sup>9</sup> Walter Benjamin, “A tarefa do tradutor”, p. 86.

delas isoladamente, mas apenas à totalidade das suas intencionalidades que se complementam umas às outras: a língua pura.<sup>10</sup>

O parentesco verifica-se, portanto, pelo fato de as línguas quererem comunicar o mesmo: *die reine Sprache*, a língua pura, a língua edênica de nomes puros. Esta, no entanto, pode ser evocada apenas pela complementaridade das intencionalidades, isto é, maneiras de significar.

A chave para a compreensão deste ensaio consiste numa distinção entre *das Gemeinte* (o que se quer dizer) e *die Art des Meinens* (o modo de querer dizer). O verbo *meinen* pode significar aqui tanto uma relação *designativa* entre a palavra e a coisa, quanto uma relação *evocativa* entre a língua humana na sua totalidade e a língua pura<sup>11</sup>. Posto isso, enquanto os modos de significar em duas palavras de línguas diferentes (como *pão* em português e *chleb* em polonês, por exemplo) são antagônicos, pois tendem para a exclusão mútua, as palavras enquanto componentes da língua como um todo querem dizer o mesmo – complementam-se, portanto, em relação ao seu significado, evocando a língua pura.

Para ilustrar melhor a relação específica de convergência entre as línguas, Benjamin serve-se de uma imagem (emprestada da cabala) de um vaso partido:

tal como os cacos de um vaso, para se poderem reajustar, têm de se encaixar uns nos outros nos mais pequenos pormenores, embora não precisem de ser iguais, assim também a tradução, em vez de querer assemelhar-se ao sentido original, deve antes configurar-se, num ato de amor e em todos os pormenores, de acordo com o modo de querer dizer desse original, na língua da tradução, para assim tornar ambos, original e tradução, reconhecíveis como fragmentos de uma língua maior, tal como os cacos são fragmentos do vaso inteiro.<sup>12</sup>

As formas do original e da tradução, aparentadas como partes do mesmo vaso, não são idênticas, mas complementares. Em consequência, a tradução deve visar a “encontrar a intencionalidade, orientada para a

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 88.

<sup>11</sup> Adam Lipszyc, *op. cit.*, p. 98.

<sup>12</sup> Walter Benjamin, “A tarefa do tradutor”, pp. 93-94.

língua da tradução, a partir da qual nesta é despertado o eco do original”<sup>13</sup>. Lembrando-se da renúncia da dimensão comunicativa da linguagem, que privilegiaria um foco na reprodução do referente, a tradução para Benjamin é uma empresa concentrada na forma, realçando a necessidade de reestruturação do significado do original na língua-alvo.

Até o instante em que ela emergir da harmonia de todos os modos de querer dizer, a língua pura continua oculta e dispersa em várias línguas, podendo manifestar-se apenas no momento da crise dos sistemas de referência, proporcionado pela tradução que implica, na visão vitalista de Benjamin, um encontro violento de dois sistemas de significação mutuamente exclusivos:

[se as línguas] crescem deste modo até ao fim messiânico da sua história, é a tradução que se inflama na eterna sobrevida das obras e na infinita renovação da vida das línguas, para continuamente pôr à prova aquele crescimento sagrado das línguas – para determinar a que distância o que nelas é oculto se encontra da revelação e como isso se pode tornar presente no saber dessa distância.<sup>14</sup>

Como afirma Adam Lipszyc, “as justas ações messiânicas, sujeitando as estruturas míticas de linguagem a uma ruptura apocalíptica, visam a resgatar a absoluta singularidade dos nomes.”<sup>15</sup>. A tarefa do tradutor, portanto, assume uma dimensão messiânica, procurando reestabelecer uma relação justa (ou seja, conforme a justiça, mas também devida, precisa, exata) entre as palavras e as coisas. Uma vez que a revelação significa o ato da divulgação dos mistérios divinos ao homem, a tradução indica a distância que separa o presente do fim do inexprimível.

## Missão (Haroldo de Campos)

O conceito da língua pura, virtualmente presente nos modos de querer dizer de todas as línguas, é retomado no final do século passado por

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 91.

<sup>14</sup> Walter Benjamin, “A tarefa do tradutor”, p. 89.

<sup>15</sup> Adam Lipszyc, *op. cit.*, p. 63.

Haroldo de Campos, que nunca se considerou especialista na obra de Benjamin, afirmando em 1992:

Tenho sido, simplesmente, desde muitos anos, um leitor e estudioso de sua obra, na qual elegi um tema de preferência: o problema da tradução ou, em termos mais propriamente benjaminianos, [...] a tarefa do tradutor, ou melhor: aquilo que é dado ao tradutor dar, o *dado*, o *dom*, a *redação* e o *abandono* do tradutor, isto para explorar o *Aufgeben* benjaminiano em todas as suas nuances semânticas [...].<sup>16</sup>

O filólogo brasileiro desconstrói o discurso teológico de Benjamin, conjugando-o com discursos linguísticos e semiológicos vigentes e admitindo a possibilidade de a língua pura benjaminiana ser reinterpretada num novo enquadramento, já de uma índole secular.

Se Benjamin afirma no início do seu ensaio que “a tradução é uma forma”<sup>17</sup>, Campos enxerga nisso uma oportunidade de relacionar a concentração nos modos de significação (ou seja, modos de querer dizer) com o conceito da “função poética” postulada por Roman Jakobson. Lembre-se que para o linguista russo a dimensão da linguagem que se foca no comunicado em si, na sua organização formal, existe em todos os atos enunciativos, ainda que na poesia sobressaia explicitamente, tornando-se seu elemento determinante<sup>18</sup>. Devido à interdependência entre o significado e o significante, Jakobson acredita na impossibilidade da tradução da poesia, sendo concretizável apenas uma “transposição criativa”<sup>19</sup>.

O conceito da função poética da linguagem, que sublinha o aspecto sensível do signo, o seu lado palpável, parece encaixar-se muito bem no teorema benjaminiano. Campos faz uma boa síntese desse deslocamento teórico em “Transblanco: reflexões sobre a transcrição de «Blanco»,

<sup>16</sup> Haroldo de Campos, “O que é mais importante: a escrita ou o escrito?”, p. 78. Grifos no original.

<sup>17</sup> Walter Benjamin, “A tarefa do tradutor”, p. 83.

<sup>18</sup> Cf. Roman Jakobson, “Closing Statement: Linguistics and Poetics”, in Roman Jakobson, *Style in Language*, Cambridge/New York/London, M.I.T. Press/John Wiley & Sons, 1960, p. 356.

<sup>19</sup> Roman Jakobson, *Linguística e comunicação* (trad. de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes), São Paulo, Cultrix, 1977, p. 65.

de Octavio Paz, com um excuro sobre a teoria da tradução do poeta mexicano”, de 1994:

[A tradução] visa ao resgate e à reconfiguração do “intracódigo” que opera na poesia de todas as línguas como um “universal poético” [...]. Considerado de um ponto de vista linguístico, esse “intracódigo” seria o espaço operatório da “função poética” de Jakobson, a função que se volta para a materialidade do signo linguístico [...]. Na terminologia de Walter Benjamin – uma terminologia deliberada e ironicamente ontoteológica – esse “intracódigo” poderia corresponder ao que o autor de [A Tarefa do Tradutor] chama *die reine Sprache* (a língua pura). Liberar essa “língua pura”, que está “desterrada” (*gebannt*) na língua estrangeira, resgatá-la na própria língua, através de uma “transpoetização” (*Umdichtung*) do original no qual ela está “cativa” (*gefangene*), eis a missão benjaminiana do tradutor [...].<sup>20</sup>

Campos retoma o conceito da língua pura – uma língua verdadeira, cujo resgate no fim messiânico da história é um esforço sempre necessário mas nunca totalmente concretizável (como é, aliás, no caso de todas as ações messiânicas) – enquanto uma “ficção heurística”<sup>21</sup>, ou seja, uma ideia que desempenha uma importante função na estruturação da nova teoria, mas que deve ser sempre considerada apenas imaginária. Desse modo, ele consegue, como afirma, depreender “uma ‘física’ (uma práxis) tradutória efetivamente materializável”<sup>22</sup> da “roupagem rabínica [...] da irônica ‘metafísica’ do traduzir benjaminiana”<sup>23</sup>. O princípio da universalidade, que fundamenta tanto a meditação de Benjamin, quanto o teorema jakobsoniano – ambos pensados como aplicáveis à totalidade das línguas naturais, reconhecendo, porém, a sua irredutível diversidade – permite conjugar uma reflexão mística com um teorema linguístico de natureza laica. Na visão deliberadamente eclética de Campos, a língua

<sup>20</sup> Haroldo de Campos, “Transblanco: reflexões sobre a transcrição de Blanco, de Octavio Paz, com um excuro sobre a teoria da tradução do poeta mexicano”, in Octavio Paz; Haroldo de Campos, *Transblanco*, São Paulo, Siciliano, 1994, p. 63.

<sup>21</sup> *Ibidem*.

<sup>22</sup> Haroldo de Campos, “A língua pura na teoria da tradução de Walter Benjamin”, p. 168.

<sup>23</sup> *Ibidem*.

pura, que conforme o autor de *A tarefa do tradutor* constitui um substrato divino preso nas línguas humanas contaminadas pelo caráter meramente comunicativo dos signos, reaparece como uma dimensão abstrata, virtualmente presente em todas as línguas, mas nunca plenamente identificável, já que não se manifesta senão na variedade de línguas naturais como suas concretizações particulares. A concentração no significante, que se torna evidente nas utilizações poéticas da linguagem, chama a atenção às estruturas em que essa dimensão, tomada como uma ficção heurística, se cristaliza em formas concretas, existentes nas línguas humanas e perceptíveis aos sentidos, possuindo valores visuais, sonoros *etc.* A tradução, nesse sentido, coloca duas línguas em contato e comparação, promovendo um choque que visa à ruptura das estruturas poéticas fechadas que concretizam as potencialidades do código linguístico do original, procurando, assim, reconstruir o modo de querer dizer (de significar) da língua-fonte na língua-alvo.

### **Ponto de interrogação (considerações finais)**

A dimensão messiânica do pensamento benjaminiano fundamenta-se na ideia da experiência humana enquanto mediada pela linguagem, que, ao mesmo tempo que abre caminho a uma emancipação da imanência, ameaça sempre fechar o homem no mito, quer dizer, numa totalidade opressiva que desrespeita a singularidade comunicada pelo verdadeiro nome. Tentando resgatar os verdadeiros nomes presos na totalidade mítica do original, o tradutor, conforme Benjamin, realiza uma tarefa messiânica.

A passagem do messianismo à missão, anunciada pelo título deste trabalho, não se realiza, porém, de uma forma mecânica, vetorial e irreversível. Importa reconhecer, portanto, que quando Haroldo de Campos, ao desconstruir o discurso de Benjamin, realiza uma operação que procura abalar a aparente totalidade monolítica do pensamento do filósofo alemão, o seu projeto assume logo aspectos de uma tarefa de índole messiânica, uma vez que procura contrariar a totalidade do significado,

buscando fissuras que permitam questionar estruturas opressoras de significado<sup>24</sup>.

E se admitirmos a possibilidade de que no próprio pensamento benjaminiano haja indícios de um certo desejo de sair do campo da teologia? Para fundamentar este tipo de suposição, basta talvez lembrar o parágrafo introdutório do ensaio *Sobre o conceito da História*, de 1940, com a imagem da teologia “reconhecidamente pequena e feia”<sup>25</sup> enquanto um “anãozinho corcunda”<sup>26</sup> que conduz os movimentos do boneco do materialismo histórico. E se relacionarmos essa ideia, expressa no ano da morte suicida do alemão, com a visão da “operação tradutória” enquanto uma forma de “desbabelizar Babel”, de resgatar uma unidade perdida, que subjaz ao trecho citado no início deste trabalho, retirado de um dos últimos trabalhos de Haroldo de Campos? Assim, talvez a inversão inicialmente proposta – do messianismo místico benjaminiano à missão laica haroldiana – torne-se mais complexa. Se no projeto de Walter Benjamin se pode detectar um processo vagaroso de gradativa (embora nunca contundente) secularização, patente sobretudo nos textos posteriores aos primeiros ensaios, relativamente herméticos, discutidos nesta análise, o percurso de Haroldo, começado com o movimento concretista, e marcado inicialmente com discussões teóricas de caráter laico, parece orientar-se, nos seus últimos trabalhos, para uma busca da plenitude perdida, da complementaridade entre as línguas aparentadas no que querem dizer. O movimento do messianismo à missão afigura-se portanto circular, sempre remetendo à dimensão metafísica oculta na linguagem.

---

<sup>24</sup> Cf. Adam Lipszyc, *op. cit.*, p. 82.

<sup>25</sup> Walter Benjamin, “Sobre o conceito da História”, in Walter Benjamin, *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* (trad. de Sérgio Paulo Rouanet), 3.<sup>a</sup> ed, São Paulo, Brasiliense, 1987, p. 222.

<sup>26</sup> *Ibidem*.